

APOSTA NAS REFORMAS

Pouco antes de embarcar de volta ao Brasil, o ministro da fazenda, Pedro Malan recebeu a notícia de que o Congresso aprovara o regime de urgência para votar a medida provisória, que estende aos servidores inativos a contribuição à Previdência Social. “Foi uma vitória muito expressiva, que contribui para a perspectiva da redução de juros”, disse o ministro ontem à noite, a caminho do aeroporto de Nova York.

Malan chegará hoje em Brasília depois de ter passado os últimos dias em Washington, em Nova York, explicando a nova política econômica brasileira ao governo dos Estados Unidos, às instituições financeiras internacionais e aos investidores estrangeiros. Sua principal tarefa era restabelecer a confiança num país que entre quarta e sexta-feira da semana passada, alterou duas vezes e sem qualquer aviso prévio sua política cambial.

Malan explicou que a grande dúvida dos investidores hoje, é sobre o apoio do Congresso ao programa de ajuste fiscal do governo, a única garantia de sobrevivência do real. Os investidores sugeriram a Malan que no futuro explicasse melhor no ex-

terior como funciona o Congresso Nacional. Eles disseram que a derrota do governo no início de dezembro, quando os parlamentares deixaram de aprovar a MP dos inativos, foi interpretada como um péssimo sinal e até sobredimensionada.

RESERVAS

Outro ponto que ficou claro nas conversas é que a aprovação do MP dos inativos não basta para garantir a estabilidade econômica. Para que os juros possam realmente baixar, será preciso aprovar, também o aumento da Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira (CPMF) e o orçamento.

Mesmo que essas medidas comecem a dar algum resultado, a crise talvez só poderá ser superada com adoção de novas estratégias de ajuste fiscal. Nas conversas em Washington e em Nova York, Malan disse que já está estudando a adoção dessas medidas.

Depois do café da manhã com os banqueiros, Malan contou que os investidores reafirmaram sua confiança no Brasil. “Quase todos têm compromissos no Brasil. Todos têm confiança no Brasil e no seu

futuro. Mas não existe confiança no país no exterior se ele não tiver confiança em si próprio. E nós temos confiança”, disse.

O ministro reafirmou que as saídas de dólares não preocupam e que não estavam afetando as reservas internacionais do Banco Central, pois eram posições dos próprios bancos que estavam sendo remetidas para pagar obrigações que estavam vencendo. “Muitos bancos têm compromissos e confiança no Brasil”, afirmou o ministro. Algumas horas mais tarde, depois de uma palestra sobre a situação do Japão, o presidente do Federal Reserve de Nova York, Bill McDonough, também manifestou sua crença na capacidade do país de honrar os pagamentos.

“Este assunto não foi discutido no encontro, mas, baseado na relação da dívida interna com o Produto Interno Bruto, acho que não será necessário renegociar o débito”, disse McDonough. Embora os bancos norte-americanos tenham muitos negócios no Brasil, McDonough não acredita que a crise brasileira coloque o sistema bancário dos Estados Unidos em risco.